



MÍDIAS DE MASSA E MÍDIAS INTERATIVAS: CONVERGÊNCIAS PARA A INFORMÁTICA EDUCATIVA E A ARTICULAÇÃO DE PROJETOS INTERDISCIPLINARES NA PRÁTICA DOCENTE

RAFAEL DOS SANTOS*, **JOSÉ MAURO NUNES**** E **ELOIZA GOMES DE OLIVEIRA*****

Resumo: O presente artigo tem como finalidade realizar um ensaio sobre a relação entre mídias de massa e mídias interativas no período de convergências de mídia, com foco na aplicação da informática na educação e na ampliação de possibilidades interdisciplinares ofertadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação. Análises estruturais sobre as modificações históricas pelas quais passamos na transição do século XX para o século XXI, abordagens sociológicas da cultura e revisão bibliográfica são as bases deste texto, que tem no conceito de meio técnico científico informacional, de Milton Santos, a base de nossas argumentações.

Palavras-chave: mídias ; interatividade; interdisciplinaridade; prática docente.

Mass media and interactive media convergence: applying new communication and information technologies to the development of interdisciplinary projects in education

Abstract: This is an essay on the relationship between mass media and interactive media in times of media convergence. Our target is to understand how such convergence can provide the means for the development of interdisciplinary projects in education throughout new information and communication technologies. Bibliographical study of historical changes and sociology of culture — particularly Milton Santos' concept of informational scientific media — provided the basis for the text.

Key-words: media; interactivity; interdisciplinarity; teaching practice.

*Professor Adjunto da Faculdade de Educação e pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UERJ (NEAB-UERJ)

**Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UERJ.

***Professora Associada da Faculdade de Educação da UERJ.

1 INTRODUÇÃO

Podemos considerar o advento das mídias de massa como um elemento consequente dos desdobramentos da modernidade a partir da segunda metade do século XIX, com a universalização da alfabetização na Europa e nos Estados Unidos; com as novas máquinas de prensagem, o telégrafo e a entrega regular de correspondência, entre outros

aspectos. É também como fruto deste processo que podemos identificar o surgimento das primeiras experiências de educação a distância, em especial aquelas realizadas por correspondência, com destaque para os cursos profissionalizantes (como é o caso do famoso Instituto Universal Brasileiro), mas observando-se também outras modalidades, como o ensino superior, no qual podemos destacar a

experiência da University of Wisconsin.

Exploramos aqui a evolução dessas mídias e seu relacionamento com o progresso científico e tecnológico, cuja intrínseca característica de retroalimentação implica significativo efeito multiplicador.

2 EVOLUÇÃO DAS MÍDIAS

Já no último quarto do século XIX, o telefone e o cinema consolidam a massificação das mídias. Aliás, o termo “massa” se faz presente em expressões como: política de massas, partidos de massa, movimentos de massa, cinema de massa, cultura de massas, valores de massa... enfim, “massa” é uma palavra que representa uma das marcas da modernidade, como observado na poesia de Baudelaire e o “voyeurismo” dos transeuntes, na arte impressionista, no expressionismo alemão, nos trens, nos navios a vapor, na era do rádio, nos fluxos migratórios etc. Marshall Bermann¹ pondera que a aglomeração populacional é indissociável do elemento moderno, considerado por ele como uma “aventura”, posto que indelevelmente se assistia a uma ruptura para com a tradição. De fato, com o título tomado emprestado do Manifesto do Partido Comunista de MARX & ENGELS², “Tudo que é sólido desmancha no ar”, já se pode observar que, desde o “jovem Marx”, a modernidade e seus fluxos são vistos como processos de grandes transformações e incertezas também. Essa aventura transforma um simples dia na vida em uma gama imensa de possibilidades, como na obra “Ulysses”, de James Joyce.

Asa Briggs e Peter Burke³ consideram o mesmo, embora realizem uma análise de longa duração, buscando as raízes da imprensa da modernidade e da pós-modernidade no advento da imprensa ocidental, com Gutemberg, no final da Idade Média. Segundo os autores, para que se chegasse a uma mídia de massas, dever-se-ia aguardar por longos anos, já que as condições técnicas e objetivas dos tempos de Gutemberg não o permitiam. Assim, somente com as máquinas oriundas das fases a vapor e elétrica da Revolução Industrial, também conhecida como

“Segunda Revolução Industrial”, o aumento do número de letrados e a circulação de bens e pessoas, é que a massificação da comunicação pôde se tornar possível.

Nesta fase, e apesar da reprodutibilidade técnica de som (o disco de 78 rotações por minuto) e imagem (cinema mudo e em preto e branco) dos finais do século XIX, a experiência midiática ainda é, sobretudo, escrita, como se observa pela popularidade dos jornais, nos quais, além da notícia, se publicavam, em capítulos semanais, muitos dos que viriam a se tornar verdadeiros clássicos da literatura universal, como o são Dostoievski, Victor Hugo, Tolstoi, Thomas Hardy, ou Machado de Assis e José de Alencar, no Brasil, além de muitos outros.

A hegemonia da mídia escrita – embora recebendo a influência de outros veículos de comunicação ao longo do século XX, como o rádio, desde os seus primórdios contendo experiências educativas, e o aumento da popularidade do cinema com a produção industrial dos estúdios de Hollywood – perdura até que, com o pós-Segunda Guerra Mundial, a televisão assume as vezes de símbolo da massificação⁴, da cultura de massas e daquilo que se convencionou chamar de “pop”⁵, sendo analisada de forma pessimista pela escola de Frankfurt [Adorno⁶, Aussoun⁷]. A cultura de massas abre também possibilidades educativas com experiências de ensino a distância pelo rádio e pela televisão, como tivemos no Brasil através das campanhas educativas radiofônicas de Edgard Roquette Pinto, com o Projeto Minerva, os programas educativos televisivos em canais públicos e privados, para o bem e para o mal, com elogios e com críticas. Na Alemanha tem-se a Fern Universität (Fern é televisão em alemão, sendo o termo completo Fernsehenapararat), nos Estados Unidos o canal educativo PBS (Public Broadcasting System) possui uma histórica tradição de programas educativos interessantes, como o temos no Brasil com a TV Cultura de São Paulo e a TV Brasil (que tem por base o histórico da TVE, a televisão educativa do Ministério da Educação, transformada em rede pública nacional no final de 2007, com o nome de TV Brasil).

E o que dizer da experiência da BBC britânica (British Broadcasting Corporation)? No momento, há ainda exemplos de canais como o Futura, Discovery, History Channel, TV5, entre outras possibilidades dos canais por assinatura, infelizmente não disponíveis a todos.

No momento histórico das mídias de massa, deve-se analisar a importância que as mesmas assumem para a conformação da esfera pública, como analisada por Jürgen Habermas⁸. É com os veículos de comunicação que é possível disseminar-se uma determinada opinião pública, que se torna hegemônica na sociedade, porém não unívoca.

O controle sobre a produção da notícia e sobre aquilo que se torna um “fato midiático” pode sofrer as influências dos possuidores destes veículos, e das classes sociais e interesses que estes representam, como bem demonstrado por Orson Welles no famoso filme “Cidadão Kane”. Gramsci⁹ também destaca a influência da imprensa para a formação de uma hegemonia de valores culturais. Para os frankfurtianos, além da imprensa em si, deve-se observar a “indústria cultural”, com a produção de filmes, best-sellers, mercador fonográfico, além da imprensa em si (escrita, falada e assistida).

A própria designação “indústria cultural” demonstra a concepção de fabricar, criar e inventar, para além da dimensão estética em si.

Contudo, o pessimismo dos “frankfurtianos” não deve servir como única forma de analisar e pensar sobre os processos midiáticos de massa, posto que os elementos de comunicação e intercâmbios culturais entre os povos, como visto nas fusões do jazz americano com ritmos latinos e o reggae jamaicano revelado em plena swinging London da década de 1960, a capital do antigo Império Britânico. Não se está desconsiderando a assimetria destas relações, mas sim relativizando o pessimismo acerca dos fluxos comunicacionais de massas em um sentido absoluto.

Peter Burke¹⁰ lembra que muito do que hoje se considera canônico na cultura ocidental, à sua época também era visto como “vulgar”, como ocorrera com a Enciclopédia ou com artistas e intelectuais diversos, que publicavam seus textos em jornais, a exemplo de

Van Gogh, entre tantos outros. No Brasil, que tal recordarmos a polêmica causada pela Semana de Arte Moderna, organizada no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922?

A transição para o modelo interativo das mídias deve ser entendido dentro do processo de formação do que Milton Santos¹¹ intitula “meio técnico-científico-informacional”¹², como a terceira etapa de um processo de desenvolvimento das técnicas, precedido pelo meio natural no qual os fatores da natureza preponderavam sobre as técnicas com as quais a humanidade a transformava para assim modificar a si mesma, e o meio técnico, identificado como fruto de um processo que se iniciou com a Idade Moderna. Esse processo teve como seu ponto culminante a Revolução Industrial e seus desdobramentos, até que se pôde identificar um outro momento que se consubstanciou mais claramente a partir da década de 1950, exatamente o “meio técnico-científico-informacional” e seu desenvolvimento. Portanto, identifica-se o início deste novo “meio” exatamente no apogeu da cultura de massas e da indústria cultural.

Por “meio técnico-científico-informacional” entende-se uma produção incessante de novas técnicas, na qual a ciência detém instituições e aparatos próprios, convertendo-se inclusive em ideologia, conectando estes aparatos-instituições à reprodução do capital.

O caráter informacional ocorre em virtude das inteligências artificiais, do tráfego de dados, fluxos migratórios e o valor intrínseco da informação para a economia, o cotidiano e as relações humanas, observado em expressões tais como: sociedade do conhecimento, trabalho imaterial, cultura imaterial ou capital humano.

Para Milton Santos, embora o “meio técnico-científico-informacional” tenha surgido de fato nos anos 1950, só se tornaria evidente a partir das décadas de 1970-1980, com a crise do petróleo, o surgimento da comunicação via satélite, o computador pessoal, a experimentação de novos veículos de comunicação/informação, como a Internet, e, a partir da década de

1990, consolidado com expressões como: globalização, mundialização, planetarização, flexibilidade, interatividade etc.

Estamos, portanto, vivenciando somente o começo de outro processo histórico, pleno de rupturas paradigmáticas e redefinições. Não se deve entender tal processo apenas a partir de alguns poucos elementos, mas sim dentro de uma rede de conexões de sentidos, na qual se percebe o quanto é complexa a trama histórica. Aliás, tão complexo é o momento histórico que estamos vivendo, que uma de suas alcunhas é exatamente “sociedade em rede”.

Lester Thurow¹³ compara estes processos e conexões de sentido que conduziram à atual fase da história mundial ao movimento das placas tectônicas. As placas tectônicas, ao se movimentarem no subsolo, e a força resultante de sua movimentação, acabam influenciando a configuração que a superfície passará a assumir, mas que, durante a acomodação entre as placas, não se consegue perceber. Os cinco grandes fatores (que não excluem outros menores e derivados destes) comparáveis às placas tectônicas, para Thurow, seriam:

– Fim do comunismo: um terço da população planetária entra para o sistema capitalista em poucos anos, tornando-se consumidora e oferecendo mão de obra e o seu território para o mundo que se vai delineando. De outra parte, desaparece o contraponto ao sistema capitalista, deixando-o sem adversário com o qual se preocupar e para forçá-lo a se repensar, desprovido assim de concorrência.

– Mudança da base tecnológica: estamos vivendo uma fase do capitalismo em que o desenvolvimento das técnicas e a ciência caminham juntos, enquanto o conhecimento e sua produção se transformam num dos insumos da produção das mercadorias e dos instrumentos mais avançados do capitalismo moderno. A produção de conhecimento também é um ponto de distinção entre os atores hegemônicos e não hegemônicos da globalização, seja ao nível das empresas, seja ao nível dos estados nacionais.

– Explosão demográfica e grandes fluxos migratórios: o século XX, a despeito de todas as suas

guerras e mazelas sociais, assistiu a um aumento populacional incomparável a qualquer outro momento histórico. Resultado de progressos de medicina e engenharia sanitária, das técnicas anticoncepcionais, de relativização da moral monogâmica e o fim do casamento único e indivisível (entre outros aspectos), com a humanidade precisando repensar-se nas proporções dessa aventura de mais de seis bilhões de homens e mulheres. Por outro lado, os movimentos migratórios – entre países e no interior destes – causam um impacto cultural e uma gama de conflitos étnicos e de modificações de valores jamais vistos na escala em que nos encontramos.

– Economia Global: as técnicas disponíveis, os sistemas organizacionais e as necessidades de reprodução do capital fazem do globo terrestre o “espaço vital” do sistema capitalista, redefinindo a função das fronteiras nacionais e questionando o poder dos estados nacionais, com os problemas diversos que isto acarreta. Há uma interligação entre todos os recantos do mundo. O capital financeiro ratifica o comando do processo, e uma economia “virtual”, fruto das operações especulativas, passa a hegemonizar as trocas internacionais e a comandar o próprio setor produtivo. Para a remuneração desse capital especulativo, a dívida interna dos países se internacionaliza, na medida em que os compradores dos títulos da dívida pública são, em boa parte, investidores externos, ávidos por lucro rápido e cuja liquidez seja garantida por um tesouro nacional e bem como pelas consequências temidas por esses estados, caso não tenham como honrar seus compromissos. Muitos estados nacionais, para compensar as perdas de divisas provenientes dos déficits em sua balança comercial, elevam as taxas de juros de suas dívidas públicas, tentando repatriar dólares que circulam mundo afora. Os meios técnicos disponíveis permitem as transferências de capitais em um simples digitar de teclas.

– Multipolarização do sistema: Apesar da queda da União Soviética, os Estados Unidos veem-se na contingência de partilhar a hegemonia mundial com outros polos, como a União Europeia, a China, o

Japão, além de conflitos regionalizados e de difícil controle que se espalham pelo mundo, como a questão islâmica, o conflito judaico-palestino e tudo o mais que possa gerar instabilidade para a lógica reprodutora e acumulacionista do capital. As decisões internacionais precisam ser tomadas considerando-se o interesse bem compreendido desses jogadores, não havendo mais espaço para tomadas unilaterais de decisão, como ficou demonstrado pelas consequências de tal decisão por parte dos Estados Unidos, ao invadir o Iraque em 2003, com gravíssimas consequências até os dias atuais.

Como alguns dos desdobramentos oriundos dessas “placas tectônicas”, podem-se destacar: o desemprego estrutural, a crise da seguridade social, a governabilidade dos estados nacionais, a violência nos grandes centros urbanos e o terrorismo, entre outros aspectos.

3 As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

As tecnologias informacionais criam uma convergência de momentos entre todos os pontos do planeta, o que permite troca de informações em tempo real, com fluxos de capitais, subjetividades, afetos e dados como nunca visto antes. Este tempo “acelerado” se contrapõe ao tempo “lento” do cotidiano da base territorial no qual se realiza a concretude da existência, agora permeada de externalidades de outros valores. Isto nos abre possibilidades e desafios, desde que não nos esqueçamos de diferenciar informação e comunicação. O elemento transformador ocorre quando processamos essas informações de maneira crítica e as utilizamos como elemento dinâmico, a partir da densidade dos valores e hábitos construídos em nosso território, no dia a dia e com as pessoas com as quais exercitamos a construção física e presencial do existir. O que o “meio técnico-científico-informacional” tem a oferecer de melhor é tornar possível, mediante a historicidade materializada dos lugares, criando-se uma dialética entre o global e o local e entre os elementos de cada território (suas “internalidades”) em troca com o que vem de outros

lugares (“externalidades”) de formas presenciais e virtuais.

As novas tecnologias da informação e da comunicação (conhecidas pela sigla NTIC ou apenas NIC) criam outra esfera pública, a partir das possibilidades de uma “sociedade em rede”, naquilo que Castells¹⁴ chama de “redes funcionais planetárias”, compreendida como elementos de tráfego de valores, informações e bens através do meio virtual, em que se torna impossível controlar o fluxo de informações e conhecimentos, mesmo em ditaduras ou em regiões com forte monopólio midiático e de acesso a saberes. A questão é garantir a inclusão digital e a preparação para manusearem os novos meios de informação e comunicação, além de capacitar a produção de conteúdos através dos mesmos.

Sérgio Bairon¹⁵ é tanto um intelectual que reflete as novas tecnologias quanto um produtor de conteúdos digitais e virtuais, como, por exemplo, o hipermídia, “Casa Filosófica” ou “Texturas Sonoras”¹⁶, explorando diálogos entre textos, imagens (muitas em três dimensões), sons e links com sítios virtuais, cujo caminho pode ser tomado pelo usuário conforme os seus interesses, compondo um verdadeiro labirinto de possibilidades e experimentações interativas e construindo saberes em rede e intermediaticamente. Eis aqui um traço importante das mídias interativas: sem se menosprezar a importância da escrita e da leitura, o conhecimento efetivamente se abre para outras linguagens de maneira simultânea e interagindo entre as mesmas, com escolhas a serem realizadas pelos usuários¹⁷.

Pode-se pensar nos desafios de produzir conhecimentos coletivos em outra relação espaço-temporal, conforme analisado por Pierre Lévy¹⁸, assumindo que as novas tecnologias se abrem para a criação de uma “ecologia cognitiva do ciberespaço”, no qual as mídias virtuais e os usuários interagem entre si, cabendo aos seres humanos a tarefa de recriar e repensar a construção de saberes a partir deste momento de ruptura.

A informática educativa deve estar orientada para

a estimulação da criatividade e da produção de conteúdos. A interdisciplinaridade é a tônica de um meio virtual que convida ao acesso segmentado de possibilidades na busca de totalidades múltiplas. Assim, os currículos escolares devem dialogar com uma concepção oscilante entre os conteúdos minimamente universais, que todos devem aprender, e assim compor estruturas mínimas de formação cidadã e para o trabalho, ao mesmo tempo em que criam espaços para a construção de saberes múltiplos a partir dos diversos interesses, tendo como novidade a tarefa de estimular nos alunos a produção de conteúdos, em um momento histórico que apenas se inicia.

Um belo exemplo, do que ainda se pode fazer, é um projeto já considerado um pouco antigo. Trata-se do CD_ROM “IL SEICENTO – GUIDA MULTIMEDIALE ALLA STORIA DELLA CIVILITÀ EUROPEA”. Todo custeado pelo Grupo Olivetti (computadores, porém mais famoso pelas máquinas de escrever que produzia no século XX), e sob a coordenação de Umberto Eco, é uma “ópera multimídia” que ratifica uma máxima khuniana¹⁹, em que várias vezes se necessita de algum cientista de outro campo para ajudar a revolucionar a ciência, através de olhares multidisciplinares, como pode ter sido o caso de Umberto Eco, um semiólogo e historiador da cultura a se aventurar no universo dos hipertextos e multimídias. A interdisciplinaridade, o fragmentário como objeto histórico, o cotidiano, o multimidiático-documental, o cultural como tema relevante e a não linearidade como recurso metodológico, são premissas que fazem do hipertexto uma linguagem efetivamente revolucionária e ainda pouquíssimo explorada, mesmo com produtos tão antigos como este de Eco. Além de IL SEICENTO, uma enciclopédia hipertextual e multimidiática sobre o século XVII, Eco coordenou ainda outros três produtos similares: 1- IL SETTECENTO (séc. XVIII) em 1997; 2- IL CINQUECENTO (séc. XVI) em 1998 e; 3- L’OTTOCENTO (séc. XIX) em 1999. Como vemos, as ideias já estão por aí, e muito ainda haverá por se fazer e se aventurar.

Ângela Schaun²⁰ chama de “educomunicação” as

práticas engendradas tanto pela escola como pelos movimentos sociais para dar-se conta da multiplicidade de informações circulantes, mesmo em um país excluyente como o Brasil²¹, e ainda considerando-se as novas mídias²². Já há um acúmulo de estudos e experiências de práticas pedagógicas que se realizam através de estratégias de comunicação no Brasil²³.

Há diversas formas pelas quais os docentes da educação formal e da educação não formal devem colocar-se frente a este mundo tecnológico e chegar à conclusão de que a dimensão de “mestre-orientador” pode até ser reforçada e ressignificada entre os professores que souberem tirar proveito deste momento. Por outro lado, velhas práticas tradicionais também podem se manter, como o uso do datashow somente para a leitura de textos, tornando-se sua utilização monótona e aquém da exploração dos recursos que este meio permite ao seu usuário. Também há a assimilação acrítica dos conteúdos buscados na web, como, por exemplo, o simples plágio de trabalhos disponíveis na rede mundial de computadores, ao invés do seu uso como potencialização ao infinito dos recursos de consulta para a montagem de um trabalho original.

Os docentes devem refletir também sobre as novas possibilidades do humano e as novas estruturas paradigmáticas para analisarem as relações entre as pessoas, a construção de conhecimento e os impactos sociais do ciber mundo, inclusive com novas formas de analisarem-se etnograficamente os comportamentos nos ambientes virtuais, como o fazem David Hakken²⁴ e Phillipe Monot e Michel Simon²⁵. Com estes autores, observamos que há condições de realizarem-se estudos etnográficos sobre o meio virtual, o ciber mundo. Assim, ao perceber como se dão os comportamentos humanos e a construção de subjetividades a partir das novas tecnologias da informação e da comunicação, em especial a Internet, os educadores devem encarar este fato sem preconceito e explorá-lo como ferramenta de construção de saberes, embora não se desconsidere que a comunicação profunda se dá na relação física e concreta entre seres humanos, nos territórios nos

quais se faz e se vivencia a vida através do contato pessoal.

Se para McLuhan²⁶, em obra ainda pensada segundo os paradigmas das mídias de massas, os meios de comunicação e as máquinas são uma extensão do corpo humano, e uma ampliação de suas possibilidades, Haye²⁷ afirma que embora ampliemos nosso contato com o mundo e façamos muito mais do que os limites materiais de nossos corpos nos permitam, exatamente por isto estaremos construindo uma sociedade do “pós-humano”, da virtualização do corpo, outrora apenas físico, bem como da identidade. Portanto, em seus aspectos amplificadores da relação entre as pessoas e formação da subjetividade, através do tempo real, da interatividade e das multirreferencialidades disponíveis, o mundo das novas tecnologias também pode nos levar à alienação da vida, caso não saibamos usar este novo mundo e seus hábitos cotidianos em prol da plenitude da condição humana, não sucumbindo ao consumismo, às fugas do contato interpessoal direto e físico não disponíveis pela Internet e pela não comunicação direta na qual se fazem os projetos de vida repactuados diretamente. Muniz Sodré²⁸ realiza um estudo sobre como se modifica o comportamento das pessoas diante de câmeras, usando a Internet e ao longo de novos hábitos forjados pelas tecnologias informacionais e comunicacionais, gerando uma verdadeira “antropológica do espelho”. Também é um momento de reinvenção da cultura²⁹.

Voltando a Marshall McLuhan, quando escreveu a famosa obra “A Galáxia de Gutemberg”³⁰, abriu uma grande polêmica sobre o fim da imprensa e dos livros impressos. Ele declarava que a cognição fundamentada no uso do livro desde a invenção da imprensa, talvez estivesse prestes a ser substituída por um modo mais global de percepção e de compreensão, através da televisão ou de outros tipos de aparelhos eletrônicos.

Discordamos, no entanto, das leituras de McLuhan que, de forma pessimista, apontaram para o fim dos livros e da leitura como era conhecida. Para o uso da Internet é necessário todo o ferramental da leitura e

da escrita.

Apropriando-se rica e positivamente da metáfora de McLuhan, o espanhol Manuel Castells publicou “A Galáxia da Internet”³¹, em que afirma que não somos meras “vítimas” do determinismo tecnológico, mas membros de uma nova estrutura social, com um padrão de sociabilidade específico, gerado por três processos característicos do final do século XX: as demandas de flexibilidade da economia, os anseios de liberdade individual e de comunicação aberta e os progressos decorrentes das telecomunicações e da microeletrônica.

Na realidade, a leitura e a significância do livro não se esgotam com o surgimento e a expansão vertiginosa da Internet. Elas sofrem profundas mudanças que ferem o tradicionalismo e o conservadorismo, pois não há mais como conceber a leitura sem a visão de intertextualidade que o ciberespaço produziu.

A leitura e a escrita utilizando “janelas” dispostas na tela do computador, links, palavras-chave ressaltadas no texto, que remetem a outros textos, constituem uma revolução nas práticas de leitura, de escrita e até mesmo de alfabetização.

Isto vai além das próprias palavras, pois, como destaca Lévy, “ao entrar em um espaço interativo e reticular de manipulação, de associação e de leitura, a imagem e o som adquirem um estatuto de quase-textos”³².

Barlowen³³ percebe uma reinvenção da humanidade e da condição humana no ciberespaço através de novas relações espaço-temporais, de possibilidades econômicas, de redefinições de estratégias de discriminações diversas e de disseminação de ódios bem como de resistência por parte de minorias, e assim teríamos que recriar todos os nossos conceitos a respeito das relações humanas a partir do momento em que o ciberespaço foi criado, devendo-se pensar uma análise antropológica, sócio-histórica, psicológica e multidisciplinar sobre o meio virtual.

A prática docente, por estar inserida no contexto da sociedade abrangente, deve pautar-se pelos

impactos das novas tecnologias da informação e da comunicação no dia a dia e, portanto, afetando a escola. Esta reflexão não se restringe à modalidade a distância, outrossim, afeta toda a realidade educacional. Segundo Cysneiros³⁴, das oito políticas educacionais do primeiro governo Lula, três são voltadas para as novas tecnologias: 1- A TV Escola (já existente em outros governos) voltada para a formação continuada de professores; 2- o PROINFO, Programa de Informática nas Escolas direcionado à inclusão digital e modernização das escolas públicas; e 3- A Educação a Distância em todos os níveis e para a formação continuada docente, mediante expedientes como a Universidade Aberta do Brasil, a regulação estatal e a produção de conteúdos. O autor chama a atenção para o modo como as estratégias arcaicas de ensino podem reproduzir-se nas novas tecnologias educacionais, como já analisamos anteriormente. Isto, não pelas tecnologias em si, mas pelo modelo adotado para sua implementação, sem avaliação permanente dessas políticas públicas e sem objetivos clara e previamente definidos em relação ao que se pretendia alcançar por intermédio destes equipamentos.

Não podemos esquecer que a formação de professores em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) ainda é bastante recente no cenário brasileiro e vem sendo observada a construção de uma prática ainda não suficientemente avaliada, mas que pode ser bastante bem sucedida.

Lynch e Corry³⁵, autores entre muitos que estudam o assunto, apontam como um caminho a estratégia do “aprender fazendo” em que são utilizadas três excelentes estratégias de formação: a prática de outros (orientação de professores que já ministraram cursos on-line ou mesmo pelo estudo de casos de cursos on-line já realizados); a própria prática, através do trabalho em equipe; e leituras e debates de textos sobre educação a distância.

Tanto o aumento da oferta de vagas na educação, especialmente o ensino superior (graduação e pós-graduação), como para o aperfeiçoamento das práticas escolares, seja nas modalidades: 1- presencial; 2-

semipresencial; e 3- a distância, urge o estímulo a novas tecnologias, em concomitância com a reflexão sobre as práticas desenvolvidas, com ampla valorização e estímulo a todos os profissionais da educação, não querendo jamais substituí-los ou “poupar” recursos usando as novas tecnologias.

4 CONCLUSÃO

Ao longo deste texto, a palavra que mais se utilizou foi “possibilidades”, como não poderia deixar de ser, pois começamos apenas a trilhar um mundo absolutamente constituído de rupturas paradigmáticas. Entretanto, não se deve encarar isto como uma miríade de soluções ou como algo fantástico, sem a crítica das exclusões sociais e das explorações assistidas no tempo presente. Devemos, sim, ter em mente que estas novas tecnologias da informação e da comunicação criam possibilidades de um tempo histórico mais humanizado e de que a riqueza e a produção materiais sejam repartidas de forma mais equânime. Assim, “possibilidades” há e devemos nos pautar por elas e, por meio das tecnologias disponíveis, pensarmos outro projeto de sociedade e de globalização.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ BERMANN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.
- ² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa: Edições Progresso, 1988.
- ³ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ⁴ MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, v. 1.
- ⁵ MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, v. 2.
- ⁶ ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- ⁷ AUSSOUN, Paul-Laurant. *A escola de Frankfurt*. São Paulo: Ática, 1991.
- ⁸ HABERMAS, Jürgen. *Análise estrutural da esfera pública*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1990.
- ⁹ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- ¹⁰ BURKE, Peter. *História social do conhecimento: de*

- Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ¹¹ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- ¹² SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ¹³ THURLOW, Lester. *O futuro do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ¹⁴ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- ¹⁵ BAIRON, Sérgio. *Hipermídia, psicanálise e história da cultura*. São Paulo: Mackenzie, 2000.
- ¹⁶ BAIRON, Sérgio. *Texturas sonoras: o áudio na hipermídia*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- ¹⁷ BAIRON, Sérgio. *Interdisciplinaridade: educação, história cultural e hipermídia*. São Paulo: Futura, 2004.
- ¹⁸ LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 1999.
- ¹⁹ KHUN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- ²⁰ SCHAUN, Ângela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- ²¹ SCHAUN, Ângela. *Práticas Educomunicativas: grupos afro-descendentes – Salvador - Bahia*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- ²² GAIA, Rossana Viana. *Educomunicação & mídias*. Maceió: EDUFAL, 2001.
- ²³ PENTEADO, Heloísa Dupas(Org.). *Pedagogia da comunicação: teorias e práticas*. São Paulo: Cortez, 1998.
- ²⁴ HAKKEN, David. *Cyborg@Cyberspace?: Na Ethnographer looks to the Future*. New York: Routledge, 2000.
- ²⁵ MONOT, Phillipe; SIMON, Michel. *Habiter le Cybermonde*. Paris: Éditions de L'Atelier, 2000.
- ²⁶ MACLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação com extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- ²⁷ HAYE, Katherine. *How we became Posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature and informatics*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- ²⁸ SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ²⁹ SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ³⁰ MACLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Nacional; São Paulo: Edusp, 1972.
- ³¹ CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- ³² LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 34. ed. Rio de Janeiro, 1993.
- ³³ BARLOWEN, Constantin von. *Der Mensch im Cyberspace*. München: Diederiche, 1998.
- ³⁴ CYSNEIROS, Paulo. “Programa Nacional de Informática na Educação: velhas estruturas”, In: BARRETO, Raquel Goulart (Org.). *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.
- ³⁵ LYNCH, W. & CORRY. M. *Faculty Recruitment, Training, and Compensation for Distance Education*. Disponível em: <http://eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/15/9b/c1.pdf> Acesso em: 15 jun. 2008.